

Dançando sobre os destroços da sua imagem: desencanto e transgressão face ao discurso crítico dos anos 70

Cristina Firmino Santos

“As palavras esmagam-se entre o silêncio/
que as cerca e o silêncio que transportam”

MANUEL ANTÓNIO PINA

“É do silêncio de uma época que a Poesia se alimenta”

EDUARDO LOURENÇO

No ensaio “Da criação como crítica à crítica como criação”, de 1975, Eduardo Lourenço, na sequência de uma postura metacrítica revelada desde os anos 1950,¹ contesta a legitimidade epistemológica e a suposta isenção da crítica institucional:

como é que o exercício crítico – no sentido de um discurso potencialmente normativo acerca de uma obra ou a seu respeito – podia subsistir? Se a própria “criação” é incapaz de precisar as suas intenções, pois existe para as tornar ilusórias, como é que o discurso que sobre ela repousa podia escapar ao movimento de erosão incluso na palavra que é, por excelência, doadora de realidade? (LOURENÇO, 1993, p. 71-72)

Com efeito, Eduardo Lourenço, tendo por referência a negatividade da literatura moderna, anacroniza o positivismo e a altivez do exercício crítico nos moldes tradicionais, seja na figura do presencialista emblemático João Gaspar Simões, seja na crítica estruturalista. Como pretendo argumentar neste ensaio, este questionamento metacrítico, é acompanhado, na década de 1970, por um ímpeto revisionista por parte de poetas-críticos que, sob a óptica da poesia tal como a entendem, reveem o lugar da crítica, os seus

¹ No livro *O canto do signo. Existência e literatura (1957-1993)*, surgem coligidos, na parte I, os ensaios de Eduardo Lourenço que tematizam o acto crítico e que se encontravam dispersos por diversas obras. Desde logo sobressai o pendor metacrítico notório em ensaios que datam de 1957 e que, embora quase imperceptíveis no contexto português da época, revelam a consistência e acutilância da reflexão crítica de Eduardo Lourenço.